

Tradução do capítulo 49 do Tomo II (Suplementos) de *O mundo como vontade e como representação*

Felipe Cardoso Martins Lima

Professor Mestre do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Acre – UFAC. Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Marcelo Prates de Souza

Professor Mestre do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná- UNICENTRO. Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná - UFPR

CAPÍTULO 49¹

A ORDEM DA SALVAÇÃO²

Há somente um erro inato: é aquele que consiste em crer que nós existimos para sermos felizes. Ele [o erro] é inato em nós porque coincide com a nossa própria existência, e todo o nosso ser não é mais do que a sua paráfrase, assim como o nosso corpo é o seu monograma. Se não somos mais do que vontade de vida (*Wille zum Leben*), a satisfação sucessiva de todo o nosso querer (*Wollen*) é, então, aquilo que se pensa pelo conceito de felicidade.

Enquanto persistimos neste erro inato, que ainda nos é confirmado pelos dogmas otimistas, o mundo nos parecerá cheio de contradições. Porque em cada etapa, tanto no conjunto como no detalhe, nós devemos sentir pela experiência que o mundo e a vida de forma alguma se dispõem a comportar uma existência feliz. O homem incapaz de refletir é sensível apenas aos sofrimentos reais. Mas, para o homem que reflete sobre o tormento real se acrescenta uma perplexidade teórica. Ele se pergunta: por que o mundo e a vida, afinal feitos para que sejamos felizes, respondem tão mal ao seu fim? Esta ansiedade expande-se, a princípio, pelos suspiros como: “Por que tantas lágrimas sob a lua!” e a outros lamentos deste gênero, para depois deles elevar os escrúpulos inquietantes contra as hipóteses preconcebidas dos dogmas otimistas. Nós podemos sempre tentar colocar a culpa de nosso infortúnio pessoal sobre as circunstâncias, sobre

¹ SCHOPENHAUER, A. *Die Welt als Wille und Vorstellung II*. Hrsg. von Paul Deussen. München: Piper Verlag, 1911-1941. In: “*Schopenhauer im Kontext III*”, pp. 726-733.

² No original, *Die Heilsordnung*.

os outros, sobre a própria desgraça, ou ainda sobre a própria imperícia; podemos ainda reconhecer que todas essas causas reunidas contribuem para isso. Mas tudo isso não muda em nada o resultado. O verdadeiro fim da vida, que consiste no bem-estar, não é menos ausente por isso. E as reflexões sobre este assunto, sobretudo quando a vida aponta rumo ao seu declínio, muitas vezes levam ao desespero. Daí, sobre quase todas as faces dos idosos, a expressão daquilo que os ingleses chamam de *disappointment*. Mas isto não é tudo. Cada dia passado da nossa vida (*Leben*) nos ensina que as alegrias e os prazeres, mesmo uma vez conquistados, são ainda enganosos, que eles não dão aquilo que prometeram, não satisfazem o coração, e, enfim, que a posse de ambos é pelo menos envenenada pelos inconvenientes que os acompanham ou deles resultam. Enquanto, ao contrário, as dores e os sofrimentos se mostram muito reais e muitas vezes excedem todas as expectativas.

Assim, portanto, sem dúvida, tudo na vida está disposto a nos fazer retroceder deste erro original e nos convencer de que o objeto de nossa existência não é a felicidade. Mais ainda, para quem a contempla mais de perto e sem algum viés, a vida parece especialmente concordada para que não nos sintamos felizes. Ela traz em toda sua essência o caráter de uma coisa que deveria nos enjoar, para a qual devemos sentir repugnância, um erro que nós temos de volta para curar nosso coração do desejo de desfrutar, de viver, e o distanciar do mundo. Nesse sentido seria, portanto, mais justo colocar o fim da vida no sofrimento do que na felicidade. Pois as considerações do final do capítulo precedente mostraram que quanto mais sofremos, mais perto estamos de atender ao verdadeiro fim da vida, e quanto mais vivemos felizes, mais esse fim se distancia de nós. A esta ideia responde à conclusão da última carta de Sêneca, que parece, é verdade, indicar uma influência do cristianismo: *Bonum tunc habebis tuum cum intelliges infelicíssimos esse felices*. [Você terá teu próprio bem quando reconhecer que os homens felizes são os mais infelizes.] (*Epîtres, 124, 24.*) – A ação específica da tragédia assenta-se também sobre o agitar deste erro inato, dando-nos, por um grande e surpreendente exemplo, uma ideia viva do fracasso das aspirações humanas e da vanidade da existência em sua totalidade, revelando, assim, o sentido mais profundo da vida. Também é ela reconhecida pela forma mais elevada da poesia.

Aquele que agora, por uma via ou outra, reviu este erro inerente em nós *a priori*, este $\pi\rho\tilde{\omega}\tau\omicron\nu\ \psi\epsilon\tilde{\upsilon}\delta\omicron\varsigma$ da existência, não tarda a ver todas as coisas sob uma luz diferente

e a encontrar o mundo em harmonia, senão com seus desejos, ao menos com suas concepções. Os golpes do acaso, qualquer que seja sua natureza e gravidade, podem ainda o fazer sofrer, mas não mais o surpreendem. Com efeito, ele compreendeu que a dor e a aflição trabalham precisamente a nos conduzir ao verdadeiro fim da vida, que é o de afastar a vontade. Essa ideia o inspirou, o que quer que seja o que lhe aconteça, uma maravilhosa resignação, semelhante à do paciente que suporta as dores de um longo e doloroso tratamento, e vê o sinal de eficácia dos remédios. A existência humana, em sua totalidade, nos diz muito claramente que o sofrimento é a verdadeira destinação da vida. Ela mergulha nele até a base e não pode subtrair-se. Nossa entrada se dá em meio a lágrimas, o curso é sempre trágico, e o resultado mais ainda. Em geral, o destino revira até o fundo os projetos dos homens no momento onde ele toca o fim supremo de seus desejos e de seus esforços. Desde então, sua vida recebe uma tendência trágica, muito própria para superar esta vontade de viver, da qual toda existência individual é o fenômeno, e a lhe fazer deixar a vida, sem que ele a culpe, nem ela nem suas alegrias. Com efeito, o sofrimento é o único meio de purificação, na maioria dos casos, capaz de santificar o homem, ou seja, para abandonar o caminho da vontade de viver. Por isso que os livros de edificação cristã recordam frequentemente a eficácia da cruz e do sofrimento, e de uma maneira geral a cruz, que simboliza a “paixão” e não a ação, é, de uma forma muito pertinente, o símbolo da religião cristã. O *Eclesiastes*, judaico ainda, mas bastante filosófico, diz com razão: “É melhor chorar que rir, pois as lágrimas corrigem o coração” (VII, 4.). Por aquilo que chamei de δεύτερος πλοῦς eu designo a dor, de certo modo, como um sucedâneo da virtude e da santidade. Mas aqui eu devo pronunciar essa palavra com destaque, pois, considerando bem, para a nossa salvação e libertação, nós temos mais a esperar dos nossos sofrimentos que das nossas ações. É nesse sentido que, em seu *Hino à dor*, Lamartine diz muito bem ao abordar a mágoa:

*Tu me tratas sem duvida como o favorito dos céus,
Pois tu não atenuas as lágrimas nos olhos meus.
Bem, eu as recebo como tu as envias.
Teus maus serão meus bens, e teus sofrimentos minhas alegrias.*

*Eu sei que ele está em ti, sem ter de lutardes;
Uma virtude divina em vez de minha virtude;
Que tu não és a morte da alma, mas a sua vida;*

*Que teu braço, impressionante, cura e vivifica*³.

Então, se a dor tem esta força salvífica, tal caráter será de maior grau na morte, o mais temido de todos os sofrimentos. Como sentimos sempre diante de um morto um respeito análogo àquele que nos impõe todo grande sofrimento, cada caso de morte nos aparece, por assim dizer, como uma forma de apoteose ou de canonização. Daí para nós a impossibilidade de contemplar sem respeito o cadáver de um homem, mesmo o do mais insignificante, e, por mais estranho que aqui possa parecer esta observação, a custódia sempre apresenta as armas a um cadáver.

A morte deve ser considerada, sem dúvida alguma, como o verdadeiro fim da vida. No momento onde ela se dá, se decide tudo, onde, portanto, o curso inteiro de uma vida não foi mais que a preparação e o prefácio. A morte é o resultado, o resumo da vida, ou o conjunto realizado que enuncia de uma vez todo ensinamento que a vida deu em detalhes e por fragmentos. Ela nos ensina que todas as aspirações, da qual a vida é o fenômeno, eram coisas inúteis, vãs, cheias de contradições, e onde a salvação consiste em rejeitá-las. A vida entra em cena, com seus obstáculos, suas expectativas frustradas, seus planos fracassados, e seus sofrimentos constantes, já a morte destrói de repente tudo que o homem almejou, coroando assim o ensinamento que a vida lhe deu. O curso completo de sua vida, sobre o qual o moribundo lança um olhar, exerce, assim, sobre toda a vontade objetivada neste indivíduo que desaparece, uma influência análoga a de um motivo sobre a conduta do homem. Com efeito, ela lhe imprime uma nova direção, que é, assim, o resultado moral e essencial da vida. Como uma morte súbita torna impossível esse olhar retrospectivo, a Igreja a vê como um grande infortúnio, e nas nossas orações pedimos para sermos preservados disso. E, como a razão (*Vernunft*) é a condição desse retorno, bem como da certeza expressa da morte, que nesses dois estados só podem se realizar no homem e não no animal, segue-se que a humanidade é o único grau na escala dos seres onde a vontade pode se negar e se destronar da vida. Quando a vontade não se nega, cada nascimento lhe empresta um novo intelecto,

³ *Tu me traites sans doute en favori des cieux,
Car tu n' épargnés pás les larmes à mès yeux.
Eh bien! Jè les reçois comme tu les envoies.
Tes maux seront mès biens, et tes soupirs mès joies.
Je sais qu' il est em toi, sans avoir combattu,
Une vertu divine au lieu de ma vertu,
Que tu n' es pas la mort de l' âme, mais as vie,
Que ton Brás, em frappant, guérit et vivifie.*

diferente dos anteriores, até que ela reconheça a verdadeira natureza da vida e que em seguida venha a renunciá-la.

No curso natural das coisas, o enfraquecimento do corpo que provoca a velhice, favorece o enfraquecimento da vontade. A sede de prazeres desaparece facilmente, assim como o poder de apreciá-los. A fonte do mais violento querer, o foco da vontade, o impulso sexual, é o primeiro a desaparecer, o que coloca o homem em um estado próximo àquele da inocência, onde ele se encontrava antes do desenvolvimento do sistema genital. As ilusões, que foram tomadas como bens mais desejáveis desapareceram, substituídas pelo conhecimento da futilidade de todos os bens terrenos. O egoísmo foi suplantado pelo amor das crianças, o homem começa, assim, a viver mais em um eu estranho que em seu próprio eu, e que não tardará a não mais existir. Tal é o curso das coisas mais desejáveis: a eutanásia da vontade. Na esperança de alcançar isso, ordena-se aos brâmanes, uma vez decorridos os melhores anos de suas vidas, a abandonarem seus bens e suas famílias e assumirem a vida de eremitas (*Manou*, Vol VI). Mas se, pelo contrário, a ganância sobrevive à capacidade de desfrutar, e se o homem se arrepende de não ter tido alguns prazeres na vida no lugar de reconhecer o vazio e a futilidade de todas as alegrias, se os objetos dos desejos, dos quais os sentidos deixam de desfrutar, fossem substituídos pela representação abstrata de todos esses objetos - o dinheiro, que excita doravante as mesmas paixões violentas de outrora, de forma mais desculpável, os próprios objetos reais de gozo -, e se, então, apesar do declínio dos sentidos, seu desejo se transforma em um objeto inanimado, mas também avidamente indestrutível, com uma luxúria também indestrutível; ou ainda, se o homem que representa a opinião dos outros substituí-la na velhice por aquilo que ele é, e o que tem feito no mundo real, e se no seu coração transforma as mesmas paixões, então, nestes homens, sobre a forma da avareza ou da ambição, a vontade é sublimada e espiritualizada, e, concomitantemente, lançada na última fortaleza onde ainda a morte vem o forçar. O fim da existência está ausente.

Todas essas considerações nos fornecem uma explicação mais profunda daquilo que eu designei no capítulo precedente com a expressão *δεύτερος πλοῦς*, isto é, a purificação, a conversão da vontade e a libertação a partir dos sofrimentos da vida, que é sem dúvida, a forma mais frequente de negação, dado que é o caminho dos pecadores, em outras palavras, de todos nós. A outra via, que, pelo simples conhecimento e

apropriação que ela resulta dos sofrimentos de todo o mundo, conduz ao mesmo termo, é o caminho estreito dos eleitos, dos santos, que é preciso considerar como uma rara exceção. Sem a primeira, portanto, não haveria para a maior parte dos homens nenhuma esperança de salvação. Contudo, relutamos em segui-la, e trabalhamos ao contrário com todas as nossas forças a nos preparar para uma existência segura e agradável, meio infalível de atrelar nossa vontade à vida por laços cada vez mais fortes. Os ascetas agem de maneira inversa à nossa. Os seus olhos são fixados sobre seu bem último e verdadeiro; eles querem tornar suas vidas tão pobres, tão duras, tão vazias de alegrias quanto possível. Eles frustram a todo o momento os arranjos que tomamos em vista de uma vida de doçura, onde a alegria se reconhece em sua brevidade, em sua inconstância, em sua futilidade, e, ao fim, encontram uma morte amarga; semeiam sobre o nosso caminho espinhos sobre espinhos e apontam em tudo o sofrimento benéfico, a panacea dos miseráveis. Na realidade, o que dá à nossa vida sua característica singular e equívoca é que dois fins diametralmente opostos se inter cruzam a todo o momento: o primeiro é aquele da vontade individual, dirigido a uma felicidade quimérica, no meio de uma existência efêmera, um tipo de sonho enganoso, onde, com relação ao passado, a felicidade e a desgraça pouco importam, onde o presente não cessa de se tornar passado; já o segundo é aquele do destino, muito visivelmente dirigido à destruição de nossa felicidade, e dali rumo à mortificação da vontade e aniquilamento da ilusão, que nos acorrentou neste mundo.

A opinião geralmente admitida, sobretudo pelos protestantes, é que o fim da vida reside unicamente e imediatamente nas virtudes morais, isto é, na prática da justiça e da caridade. Tal opinião traz de antemão sua insuficiência pela pequena quantidade de virtudes entre os homens. Eu não pretendo nem mesmo falar de virtudes elevadas, como a generosidade, a grandeza de alma, e a abnegação; tem sido difícil encontrá-las em outro lugar além dos dramas e romances. Eles agem como se essas virtudes fossem uma obrigação para todos.

Quem é velho (*wer alt ist*), tem somente que reportar seu pensamento sobre todos aqueles aos quais ele teve contato. Quanto do que viu era realmente e verdadeiramente honesto? Falando francamente, não se tratava da maioria, apesar da hipocrisia com que os homens escandalizam-se ao menor sinal da maldade e até mesmo da mentira? Egoísmo baixo, ganância sem limites, malandragem bem disfarçada, e com essa inveja venenosa, e alegria diabólica à desgraça do outro, todos estes traços são próprios dos homens, e apesar de encontrarmos e admirarmos algumas raras exceções a

regra, foram acolhidos por arrebatamentos de admiração? E é nestes traços tão raros de moralidade que colocaríamos todo o fim da existência? Nós assentamos, ao contrário, na conversão total do nosso ser (que produziu os maus frutos indicados acima) trazido pelo sofrimento, tomando outro aspecto, e se encontrando em harmonia com o estado real das coisas. Então, a vida se apresenta como uma operação purificativa, onde o banho purificante é a dor. A operação realizada deixa como resíduo impuro a imoralidade e a maldade anteriores, e assim se realiza aquilo que diz o *Veda: Finditur nodus cordis, dissolvuntur omnes dubitationes, ejusque opera evanescent* [O nó do coração foi desfeito, suas dúvidas foram dissipadas, e suas obras desapareceram].

Recebido: 13/10/13
Received: 10/13/13

Aprovado: 15/01/14
Approved: 01/15/14